

30-11-2020

A VIOLÊNCIA NOSSA NO TRABALHO DE CADA DIA

Fatima Sueli Neto Ribeiro

[Doutora em Saúde Pública. Coordenadora do Grupo de Ensino e Pesquisa em Câncer - GEPEC da UERJ/Universidade do Estado do Rio de Janeiro]

Chamem de racismo, preconceito, sexismo, "exclusões" econômicas, políticas e sociais. A violência em geral possui componentes que vão da negligência à omissão de cuidados, de socorro e de solidariedade.

Comportamentos que podem ser remetidos aos procedimentos ideológicos naturalizadores e que, segundo Marilena Chauí (1998), resultam do autoritarismo social relacionado às hierarquias do período colonial escravista. Como consequência, o exercício de micro poderes com violência capilariza em toda a sociedade e o autoritarismo masculino da e na família se espalha para a escola, as relações amorosas, o trabalho, o comportamento social nas ruas, etc. Lembrando Hanna Arendt, as formas de exercício de poder como sinônimo de violência e a obediência como sinônimo de sujeição estão relacionados ao modelo das sociedades, que têm sempre o confronto violento como única via para os mais diversos tipos de conflito.

Nada mais atual na necropolítica deste governo.

A expressão do poder exercido com violência desde o período colonial, repercutido nas diversas esferas sociais e se expressando na organização do trabalho, não se mostra apenas no modo como o trabalho é organizado e gerenciado na prática. Expressa o que Cecília Minayo chamou de manifestação da violência estrutural ou violência velada, presente na exploração e opressão de trabalhadores, negros, mulheres, homossexuais, etc. Esta *violência no trabalho* seria aquela "que se origina no modo de produção e toma corpo na organização do processo de trabalho, provocando sofrimento, adoecimento e, finalmente, a morte relacionada ao trabalho", conceito de Augusto Campos (2003), que reproduz, potencializa e naturaliza a violência estrutural. Desta forma, é absolutamente esperado e anunciado o caso de violência que ganhou notoriedade no Carrefour em 19 de novembro, mas que não pode ser tomado como exclusividade desta empresa.

Enquanto já se reconhece que violência é um problema de saúde pública, a área de Saúde do Trabalhador ainda não dispõe de energia, método ou vontade de enfrentar essa situação, porquanto se limita a investigar desfechos ligados a sintomas, doenças ou óbitos. A investigação adequada que fizesse jus à área poderia ter começado em maio de 2019, quando o Sindicato dos Comerciantes de Osasco e Região denunciou que operadores de atendimento e telemarketing do Carrefour eram obrigados a registrar o nome no sistema de "filas eletrônicas" para o uso do banheiro, e avisar ao supervisor em caso de urgência.

Em agosto de 2020, o promotor de vendas do Carrefour, Moisés Santos de 53 anos, sofreu um infarto fulminante na unidade de Recife/PE, seu corpo foi coberto com guarda-sóis e cercado por caixas das 8h às 12h, enquanto a loja seguia em funcionamento. Ou ainda, em setembro de 2020, quando a auxiliar de cozinha do Hipermercado Atacadão na Zona Oeste do Rio, que pertence à rede Carrefour, denunciou racismo e intolerância religiosa cometida por outro funcionário. Após conviver com a discriminação de colegas e a ausência de escuta pela empresa, fez a denúncia e foi demitida. O funcionário agressor, Jeferson Emanuel Nascimento, já havia sido acusado de racismo e agressão contra outra colega de trabalho na mesma unidade.

Em dezembro de 2017, trabalhadores do Carrefour que reivindicaram adequada remuneração por trabalho em feriados foram demitidos, com a justificativa de "corte de gastos". Fato que nunca ocorre às vésperas do Natal e Ano Novo, deixando explícita a mensagem de ameaça, a fim de desestabilizar o movimento de reivindicação de direitos dos trabalhadores.

Estes casos sistemáticos relacionados diretamente ao processo de trabalho ainda ocultam a verdadeira "cultura de violência" que a mídia* traz à tona apenas nos estabelecimentos comerciais desta rede e que culminou, na véspera do dia da Consciência Negra, 20 de novembro de 2020, com o assassinato de João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, pai de família e negro.

Ele foi espancado até a morte por um policial militar e um segurança no supermercado Carrefour em Porto Alegre/RS, motivados por um desentendimento entre João e uma funcionária. Ainda pior que o assassinato, foi o fato ter sido detalhadamente filmado por outra funcionária.

Neste episódio, foi trazido à público que esta unidade do Carrefour possui uma sala sem câmeras para uso dos seguranças, que após imobilizarem as pessoas usavam a sala para intimidar com violência os suspeitos de furtos, sob a orientação da gerência da segurança e da líder da loja.

Percebe-se a ilustração viva de uma organização do trabalho que cultiva e gerencia a violência estrutural e a violência velada como cultura de poder.

Esse histórico de violência, apenas entre os registrados pela mídia, remetem a dezembro de 2018 quando um cão, que circulava no estacionamento de uma loja Carrefour em Osasco/SP, morreu após ser envenenado e espancado por um funcionário. Fato justificado pela visita de supervisores no dia seguinte.

Em outubro de 2018, funcionários da rede em São Bernardo do Campo, agrediram Luís Carlos Gomes, um deficiente físico, porque ele abriu uma lata de cerveja dentro da loja. Mesmo tendo se prontificado a pagar, foi perseguido pelo gerente e segurança e, encurralado no banheiro, sofreu agressão, teve múltiplas fraturas e, como sequela, ficou com uma perna mais curta que a outra.

continua

<p>Em 2017, na unidade de Sorocaba o químico Marcos Leandro dos Santos foi humilhado por guardas na frente de dezenas de clientes da loja e impedido de caminhar pelas dependências do Carrefour por causa da cor (negra) e porque estava de camiseta, chinelo e bermuda. O caso foi registrado como injúria racial.</p> <p>Em 2009, seguranças da rede de hipermercados agrediram o técnico em eletrônica, Januário Alves de Santana, negro de 39 anos, no estacionamento de uma unidade em Osasco. Ele foi acusado de roubar o próprio carro.</p> <p>O exercício de poder através da violência explícita, tem se tornado habitual e estimulado no modelo que vem se desenhando no Brasil. Contudo, esforços pontuais por uma sociedade baseada em Paz e Antiviolência também vem timidamente sendo implementada, como a Coordenação de Educação Ambiental e Cultura de Paz da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente da Cidade de São Paulo.</p>	<p>Neste momento de convulsão individual, causada pela Pandemia (Sindemia), nada mais oportuno que evocar Gandhi e ampliar o debate e as estratégias de combate à violência como forma de poder e de cultura social.</p> <p>O espaço de trabalho pode e deve ser um <i>lôcus</i> estratégico para isso. A área de Saúde do Trabalhador tem legitimidade teórica para nortear a violência como prioridade e levar o tema à dimensão dos agravos e outras nosologias, como estamos acostumados. Esta mudança de cultura coaduna com o apelo internacional para superação da crise civilizatória que estamos vivendo. ■ ■ ■</p> <p><small>*Mídias consultadas: Portal Vermelho. https://vermelho.org.br/; Brasil de fato. https://www.brasildefato.com.br/2020/11/20/sete-vezes-em-que-o-carrefour-atuou-com-descaso-e-violencia</small></p> <p><small>Para ler mais: Oliveira, Roberval Passos de, & Nunes, Mônica de Oliveira. (2008). Violência relacionada ao trabalho: uma proposta conceitual. <i>Saúde e Sociedade</i>, 17(4), 22-34.</small></p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	